



A Guardiã das Palavras Silvestres

A casa da avó de Brook fica ao fundo de uma alameda em tons de cinza, rodeada por prados, pinheiros, e um céu que tudo abraça. Quando a menina abriu a porta, sentiu-se logo em casa.



— Mimi, já cheguei!

Brook chamava Mimi à avó, que, além de ser uma excelente avó, era também uma amiga extraordinária.



Mimi já estava à espera da neta.

Tinha estado sentada à secretária o dia todo, distraída por um colibri, um ninho de vespas, e um falcão de cauda vermelha a pairar no céu.

Mimi era escritora e tecia palavras a partir de tudo o que achava verdadeiramente importante.



Além de estar entusiasmada por visitar a avó, Brook também precisava da ajuda dela. O dia seguinte era o primeiro dia de aulas, e a menina não tinha nada para mostrar ou contar aos colegas. O seu verão tinha sido maravilhoso, mas Brook não tinha nada de especial para partilhar com os amigos, algo de que eles nunca se esquecessem.



Hoje, contudo, Mimi também precisava da ajuda de Brook e tinha algo de importante a pedir-lhe.

— Receio que algumas das minhas palavras favoritas estejam a desaparecer. Algumas das palavras silvestres que conheci e amei durante toda a minha vida.

— Como é que desaparecem as palavras? — perguntou Brook.

— As palavras desaparecem se não as partilharmos quando falamos. Se não as escrevermos nas nossas histórias. Se não as lermos nos livros. Se não usarmos certas palavras, elas acabam por ser esquecidas. E, quando são esquecidas, desaparecem. Preciso de alguém que me ajude a guardá-las, que me ajude a recordá-las. Preciso que sejas a minha Guardiã.

A Guardiã das Palavras Silvestres



— Posso usar uma coroa? — perguntou Brook.

— Não — riu-se Mimi. — A Guardiã não precisa de uma coroa, só precisa de manter os olhos bem abertos e estar disposta a ver, ouvir e sentir todas as palavras silvestres. Assim, nunca as esquecerá. Desde a alvorada até ao pôr do sol, vamos andar e correr, sentar-nos e esperar, ouvir e tocar, até encontrarmos cada palavra desta lista — disse Mimi. — Ou até que cada palavra nos encontre.



— Estou pronta! — disse Brook.

Mal saíram de casa, depararam logo com algumas palavras silvestres.



Uma **CARRIÇA**, uma pequena ave castanha com voz de anjo, saudou-as com um belo canto matinal. Estava sentada no ramo de uma árvore, à espera de dar os bons-dias ao mundo.



Entretanto, Mimi e Brook viram cachos de **VIOLETAS** espalhados a seus pés. O perfume doce enchia o ar, e a menina sentiu-se um pouco tonta. Os pequenos rostos roxos sorriam, convidando o dia a começar.

De repente, num canto do quintal, um ramo de **PAPOILAS** abriu as pétalas. Pareciam pétalas de papel a tentar alcançar o sol.



Havia também arbustos carregadinhos de **AMORAS**, iguaizinhas às que Brook comera ao pequeno-almoço.

Centenas delas esperavam ainda que alguém as colhesse para comer à sobremesa.

Será que as palavras silvestres dançam assim todas as manhãs?



Enquanto caminhava, Brook pegou numa **BOLOTA** que tinha caído de um enorme carvalho. A árvore era alta e majestosa, e a pequena bolota tinha um chapeuzinho e uma casca macia. A menina enfiou-a logo no bolso, para não se esquecer desta palavra.



Mais adiante no caminho, avó e neta avistaram o reflexo da luz numa superfície de água. Era o lago! Quando Brook encheu uma mão de água, viu que havia **PEIXINHOS** prateados a nadar em círculo na palma da sua mão, que se tinha convertido numa piscina! Quem diria que Brook conseguiria segurar algo de tão selvagem e bonito na sua mão...

De repente, o silêncio foi quebrado pelo mergulho de um **CASTOR**, que nadou em direção à toca, para depois trepar para a outra margem do lago e desaparecer.

— Não há dúvida de que este é um lugar concorrido! — exclamou Brook.

— Muito! — concordou Mimi.

Havia imensa **HORTELÃ-PIMENTA** em torno do lago.

Mimi colheu alguns caules e esfregou as folhas por entre os dedos.

Brook apanhou uma folha e colocou-a na boca.

Era fresca, doce e picante.

Provinha do chão, da terra, e a menina conseguia sentir o seu sabor selvagem.



Avó e neta avistaram uma última visita a sulcar as águas do lago.

Tinha uma cabecita de veludo verde e um bico amarelo-brilhante.

Era o Senhor **PATO**, que logo levantou voo.

Em seguida, Mimi e Brook foram até ao prado, seguindo um trilho já demarcado, e caminhando por entre a erva alta.

A neta ia à frente a correr, e sentia-se mais livre do que nunca.

De repente, avistou uma borboleta especial, uma **MONARCA**, que ia dando mergulhos na brisa.

— Somos parecidas! — exclamou Brook.



Alguns **RANÚNCULOS** radiosos deram-lhes as boas-vindas, com as suas belas pétalas amarelas a luzir ao sol. Pareciam um tapete selvagem de luz e beleza.



— Pede um desejo depressa! — disse Mimi, segurando um **DENTE-DE-LEÃO**, que mais parecia pó de fadas de posto num caulezinho. — Sopra e verás as sementes voar. São os teus desejos a espalharem-se pelo céu ...

No cimo do prado, havia um velho **SALGUEIRO**, cuja sombra era uma querida amiga de Mimi, que conhecia a árvore desde sempre.

— Que lugar perfeito para almoçar! — disse.



A avó tirou de um saco pequenas sanduíches e **ALPERCES** apanhados no seu quintal. Eram uns frutos redondos, doces e sumarentos.

Filas e filas de **LAVANDA** alinhavam-se no campo que ficava um pouco abaixo, enchendo o ar de um perfume mágico.



De repente, Brook disse:

— Está uma nuvem de pássaros a voar por cima de nós!

— Que maravilha! — exclamou Mimi. — Os **ESTORNINHOS** voltaram!

Viam-se milhares de pássaros a mergulhar, a dardejar e a virar-se, sem nunca deixarem de voar em formação.

Depois flutuaram para longe, tão misteriosamente como tinham vindo, e encaminharam-se para a floresta densa e escura.

Brook sempre tivera um pouco de medo da floresta, mas o lado selvagem que começava a descobrir dentro de si queria muito embrenhar-se nela.



Começou a cair uma chuva leve, uma chuva súbita de verão. A chuva fez com que os cheiros da floresta ganhassem vida, e que todas as plantas brilhassem. Bastava ver os **FETOS**, com as suas magníficas folhas largas de penas verdes e enroladas, ansiosos por dar nas vistas. Pareciam autênticas ventoinhas.

— Consegues ver mais alguma coisa? — perguntou Mimi.

Brook olhou para o chão da floresta e viu, escondida por entre as agulhas de pinheiro, uma **CORÇA** a dormir, enrolada como um feto.

— Não faças barulho. Vamos só passar perto dela e deixá-la sossegada.

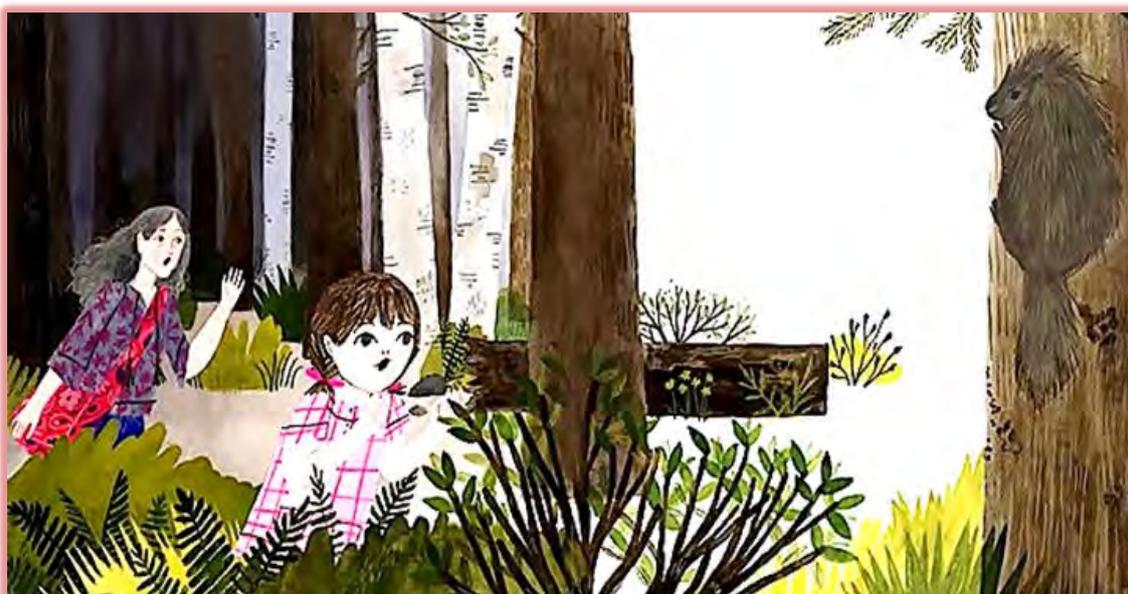


Nos bosques, há coisas que aparecem de repente... Avó e neta ouviram um restolhar de folhas.

— Para! — pediu Mimi. — Caminha devagar na minha direção e sem te virares.

E logo viram um **PORCO-ESPINHO**, que saiu da toca e trepou por uma árvore acima!

— É preciso ter cuidado, porque, se se sentirem assustados, estes animais lançam os seus espinhos sobre nós — disse Mimi.



Existem imensas surpresas nas regiões silvestres...

Mimi tinha mais uma surpresa para revelar a Brook.

— Sabes, a minha palavra favorita não está nesta lista. Está mesmo diante de mim.



Ouvia-se um som gorgolejante a vir da clareira, e via-se um fio de luz refletido numa superfície que parecia vidro. Era um pequeno riacho. A dançar e a cantar, sabia exatamente para onde fluir. Parecia um caminho feito de água, que serpenteava alegremente pela floresta.

— A última palavra é este **RIACHO** que me faz lembrar a tua mãe que tanto o amava! — disse Mimi. — Mas agora, és tu a *Guardiã das Palavras Silvestres!*



— Mimi, nunca cheguei a dizer-te de que tipo de ajuda precisava — disse Brook.

— De que precisas? — perguntou Mimi.

— Preciso de algo especial para contar amanhã na escola e já o encontrei!



O céu noturno seria em breve pintado com estrelas a brilhar, mais parecendo uma cortina selvagem e bela que fechava o dia.

As palavras silvestres de Mimi estavam a salvo.

Seriam sempre partilhadas e recordadas. Compreendidas e profundamente amadas.

Quando a beleza e a diversidade do mundo selvagem se enrolam como um manto em torno de nós, *ficam para sempre no nosso coração.*



Nota da Autora

Este livro foi inspirado por um artigo que li e que muito me espantou. O Oxford Junior Dictionary removeu mais de 100 palavras relativas ao mundo natural da suas páginas, porque os seus editores não achavam que essas palavras tivessem relevância para as crianças e jovens de hoje. As palavras que as substituíram foram vocábulos tais como:

Analógico

Alerta

Chatroom
Conflito
Anormal
Base de dados
Seca
Leitor MP3
Negociar
Vandalismo
Voicemail

No início fiquei zangada, depois desiludida, e por fim muito triste. Contudo, a beleza de ser escritor reside na capacidade de poder criar o mundo que se quer ver, que é, na realidade, o mundo que está à espera de que o vejamos.

Decidi, então, escrever um livro onde algumas destas palavras silvestres perdidas seriam celebradas e reconhecidas, sem ser nas páginas do dicionário. Para que a sua beleza possa ser vista, a sua vida festejada, e para que pais e filhos estejam cientes do quanto precisamos de apoiar a linguagem do mundo natural.

Espero ter feito isso com este livro.

Espero que todos nós sejamos Guardiões de Palavras Silvestres!

Não consigo imaginar um mundo desprovido destas belas palavras.

*Com amor,
Brooke.*



Brooke Smith & Madeline Kloepper (ill.)
The Keeper of Wild Words
Chronicle Books, 2020
(Tradução e adaptação)

A Guardiã das palavras silvestres

1. Onde vive a avó de Brook?

2. Que relação existe entre a menina e ela?

3. O que faz Mimi?

4. Talvez por isso a sua grande preocupação : “ *As palavras desaparecem se não as partilharmos quando falamos. Se não as escrevermos nas nossas histórias. Se não as lermos nos livros. Se não usarmos certas palavras, elas acabam por ser esquecidas. E, quando são esquecidas, desaparecem. Preciso de alguém que me ajude a guardá-las, que me ajude a recordá-las. Preciso que sejas a minha Guardiã.*”

Parece-te justificada esta apreensão da avó de Brook? Apresenta as tuas razões.

5. Segundo a avó, que qualidades deve ter alguém para ser uma boa Guardiã? Transcreve a passagem do texto que as refere.

6. Que elementos da natureza vão surgindo ao longo do passeio da menina e da avó? Faz uma pequena lista.

7. Por que razão é tão importante nomearmos as coisas do mundo natural — plantas, flores, rios, animais?

8. Por fim, a avó de Brook refere que a sua palavra favorita está mesmo diante dela. Qual é ela e porquê?

9. Brook percebe que, afinal, já tem algo de especial para contar na escola. O que achas que ela aprendeu com a avó?

10. A autora escreveu este livro porque descobriu que o dicionário de Oxford estava a retirar palavras ligadas à natureza. Achas que isso é justo? Justifica.

11. “As palavras que quero proteger...” :

➤ Que palavras não queres que desapareçam do mundo?

➤ E que palavras gostarias que todos dissessem mais vezes?